

Fernando Pessoa

## NIILISMO — Eremita

### NIILISMO — *Eremita*

O sujeito ao ser pensado como sujeito é objecto. . .

O não-ser para ser não-ser precisa *ser*, isto é, *ter ser*; isto é abstracto mas o argumento agora versa abstracções Metafisicamente, a inversa é igualmente certa. O ser para ser não-ser precisa não-ser.

Isto vem tudo de que não-ser e ser são para nós ideias; nunca os podemos considerar absolutamente. Estão por isso sempre desmentindo-nos. Não são senão *pensados*. Há sempre mesmo abismo entre eles e a nossa ideia deles.

*Ora o Universo é pensado*. Está, portanto, nas condições de ser apreciado (contingentemente) pelos argumentos de ser e não-ser.

Se o Universo é o não-ser absoluto, não existe; se é o não-ser relativo é o ser.

Ora se o não-ser para ser não-ser tem de ser, se o Universo é o não-ser, para não-ser tem de ser, isto no que

pensamento. Coincide, portanto, com o facto do universo ser (que nunca podemos eliminar). O Universo é, portanto, o não-ser.

O Universo aparece-nos como ser. É-nos impossível pensá-lo como não-ser, e *temos que pensar, se pensamos*. Mas se pensamos o nosso pensamento, o Universo passa a ser não-ser, porque antes do conhecimento (que é o pensar o pensamento) o Universo incognoscível *imediatamente*, é o não-ser. Ora a filosofia é, ou o pensamento ou o pensamento do pensamento. O pensamento não é porque o pensamento é a simples ideia, o simples Experimentar. É, portanto, o pensamento do pensamento, mas o pensamento do pensamento não é, afinal, pensamento? É e não é. É o único pensamento diversificado. O sujeito pensado como sujeito é pensado, ipso facto, por ser pensado, como objecto, mas como objecto contraposto a todos os outros objectos concebidos pensa-se em Deus, o sujeito substância dele próprio — pensando-se, isto é, *no que pensado, no pensar, pelo acto de pensar*, pensado assim.

Mas porque havemos de preferir o pensamento reflexo ao pensamento puro? Porque, ou o pensamento é critério de verdade ou não. Se o pensamento

é critério de verdade, não pode haver erro em pensá-lo. Se ele pertence ao *objecto* é tão legítimo pensá-lo como ao resto do Objecto. Se não pertence tanto mais o é, porque é o criador do Objecto. Mas não será impensável? Como *objecto* é, e vamos dar ao caso anterior. Se não é, [critério de verdade] o Universo, que é pensado, e assim, porque assim pensado, é o não-ser, mas não-ser é do pensamento. Mas visto que do pensamento não podemos sair, para o pensamento, se o pensamento não é critério de verdade, o pensamento é não-ser. (A única coisa que o pensamento não pode pensar como não ser é ele próprio. É esta a base do dictum basilar de Descartes). (1)

Visto ser-nos impossível conceber o pensamento *em si* como não ser, excepto no pensamento pensado, e ele, para ser *objecto* da filosofia, é pensado que existe, o *Objecto*, *ab initio* concebido como oposto ao pensamento é, portanto, para o pensamento formalmente *não-ser*. Pensar é irrealizar: e se irrealizar para ser irrealizar precisa ser realizar, pensar é ser.

Portanto, o Universo não existe. O que existe não sabemos.

O Universo com suas obras (...) nem sequer é uma ilusão.

O sujeito puro é impensável. As maiores abstracções — ser ou não-ser — são elas próprias contraditórias e *Objecto*.

O niilismo é metafísico. Não tem moral. A moral pertence à ilusão e à ciência da ilusão chamada sociologia.

O niilismo não é nem optimista nem pessimista. Bem-Mal são para ele *Objecto*, não-ser, portanto.

O nosso desesperar como a nossa esperança são *Objectos*, falsos, ambos, portanto. [...]

(1) N.B. Se o pensamento não se pode pensar como não-ser, é o ser. Não: também não se pode pensar como o ser. É o algo entre o ser e o não-ser. Como pensamento *pensado* não se pode pensar ser; como pensamento *em si*, pode, mas nunca pode atingir-se. O único noumenon é o pensamento *em si*. O pensamento deixa de ser *em-si* por ter *objecto*. A filosofia que é o pensamento reflexo, é acto, divino regresso do mundo a Deus, pela consciência da ilusão, (ou é a causa deste mito a ilusão dele, a fé que dele nasce).

1913?

**Textos Filosóficos** . Vol. I. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968 (imp. 1993): 46.